



CENTRO DE CIENCIA BIOLÓGICAS E SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MICHEL NASCIMENTO DE ANDRADE

RELATO DE EXPERIENCIA: A PRÁTICA DO FUTEBOL DE 5
(FUTSAL) PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAIS

Orientadora: Profa. Anny Sionnara Moura Lima Dantas

CAMPINA GRANDE- PB

2014

MICHEL NASCIMENTO DE ANDRADE

RELATO DE EXPERIENCIA: A PRÁTICA DO FUTEBOL DE 5
(FUTSAL) PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Anny Sionara Moura Lima Dantas

CAMPINA GRANDE- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553r Andrade, Michel Nascimento de.
Relato de experiência [manuscrito] : a prática do futebol de 5 (futsal) para pessoas com deficiência visuais / Michel Nascimento de Andrade. - 2014.
33 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Esp. Anny Sionara Moura Lima Dantas, Departamento de Educação Física".

1. Futebol de cinco. 2. Educação física adaptada. 3. Deficientes visuais. I. Título.

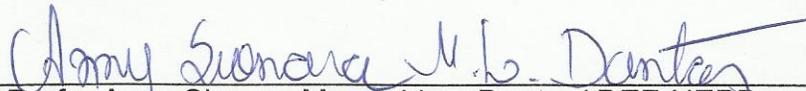
21. ed. CDD 796.045 6

MICHEL NASCIMENTO ANDRADE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PRÁTICA DO FUTEBOL DE 5
(FUTSAL) PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Educação Física da Universidade Estadual
da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Educação Física.

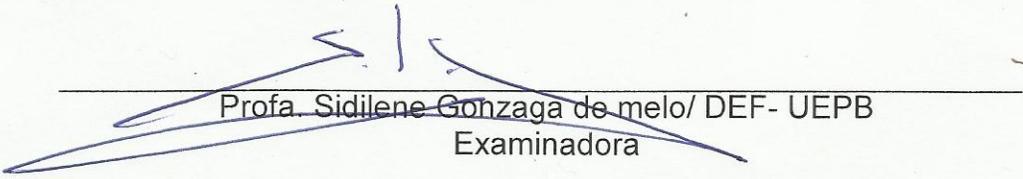
Aprovado em 31 de julho de 2014.



Prof. Anny Sionara Moura Lima Dantas/ DEF-UEPB
Orientadora



Prof. Dr. José Pereira do Nascimento Filho/ DEF-UEPB
Examinador



Prof. Sidilene Gonzaga de Melo/ DEF-UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Durante a construção deste trabalho, muitas pessoas importantes colaboraram em todo o processo, principalmente três grandes famílias. A primeira é a família de sangue, sempre presente, apoiando as decisões mais difíceis. Obrigada a todos, minha mãe Maria José, meu pai Gilberto, meus irmão Matheus e Luccas, pessoas que amo do fundo do meu coração que me apoiaram em todos os momentos e não desistiram de mim, agradeço, a cada dia, por esta família que Deus me deu.

A segunda é a minha galera a equipe XPP, que somos amigos por opção e irmãos de coração, galera que esteve comigo em todos os momentos onde faço questão de citar o nome de cada um: Rodrigo Pires (Maguin), Yuri de Sá (Frota), Danyllo Oliveira, José Yago (Pastel), Michael Azevedo (Cavalo), Klenio Lucena (Gordão), Arthur Almeida, Eduardo Júnior (Chupa Eduardo Júnior). Dificilmente as pessoas se desvinculam. Passa ano, vem ano e esta sempre cresce cada dia mais. Obrigada a todos os amigos. Vocês são demais amo vocês.

E não poderia deixar de citar meus mestres com quem além de meus professores são meus amigos de profissão. Professor Fábio Luiz, Professor Josenaldo Costa(Bamba), Professor Marcio André, Professor Marcus Vinicius e minha orientadora moral a quem agradeço enormemente a Professora Anny Sionnara, esta que me aturou o curso todinho. Agradeço de forma intensa tudo que aprendi com vocês, por estarem ao meu lado em todos os momentos me apoiando e me dando bronca, me elogiando e me corrigindo. Sem você nada aqui teria sido possível. Agradeço a meu primo Diego Lima que sempre teve ali quando precisei para me ajudar nas coisas do curso me aconselhando me dando bronca mais tudo para o meu melhor.

Agradeço ao Anailton Chaves que me deu a oportunidade de integrar a equipe da APADEVI-PB junto com o Professor Alvaro Luis, fazendo esse trabalho a realização de um sonho para minha pessoa. Aos atletas que conversei que me tornei amigo. O aprendizado com eles foi enorme, pois a força de vontade em superar adversidades trouxe pra minha vida essas coisas e hoje garanto que sou uma pessoa melhor graças a eles.

Finalizo, agradecendo todas as pessoas com as quais convivi durante todos esses anos, pessoas que passaram pela minha vida e com certeza me ensinou algo, seja para a vida profissional ou para a vida pessoal. E a todas as pessoas que não citei, mas que com certeza são especiais, sejam da faculdade, ou de qualquer outro local.

Obrigadoooo!!!!

Todos vocês são pessoas importantes para mim!!!!Valeu!!!

RELATO DE EXPERIENCIA: A PRÁTICA DO FUTEBOL DE 5 (FUTSAL) PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAIS

Michel Nascimento de Andrade¹

RESUMO

O presente trabalho relata minhas experiências com a prática do futebol por pessoas que apresentam deficiências visuais na categoria B1. O gosto pelo futebol, o envolvimento no projeto de extensão na UEPB (O futebol de cinco como medida integralizadora para os portadores de necessidades especiais visuais de Campina Grande) no período de 2011 até 2014, voltados a essa parcela população, somadas as participações nos eventos organizados pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) e a carência de trabalhos científicos referentes às pessoas cegas e deficientes visuais que praticam o futebol no Brasil foram cruciais para minha vontade de buscar respostas e trabalhar com essa nova realidade que é a Educação Física Adaptada – o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil. Neste trabalho é relatada a minha trajetória de experiência nos eventos realizados pela CBDV. Com uma breve explanação do que é Futebol de 5, para que seja entendido antes de eu explicar meus momentos na prática das atividades. O futebol é uma das práticas esportivas para cegos que mais cresce no país devido à identidade dos mesmos com essa modalidade e todo o trabalho de divulgação e incentivo da CBDV.

Palavras-chaves: futebol de cinco; cegos; deficientes visuais;

ABSTRACT

This paper describes my experiences with soccer practice by people with visual impairments in the category B1. The taste for football, involvement in the extension project in UEPB (Football as five integralizadora measure for individuals with visual disabilities of Campina Grande) in the period 2011 to 2014, aimed at this population share, added holdings in events organized by the Brazilian Sports Confederation of the Blind (CBDV) and the lack of scientific work on the blind and visually impaired people who play football in Brazil were crucial in my desire to seek answers and work with this new reality that is the Physical Education adapted - the development of football in Brazil for the visually impaired. This work describes the trajectory of my experience in events held by CBDV. With a brief explanation of what is Football 5, to be understood before I explain my moments in practice activities. Football is one of the sports practices to fastest growing in the country due to the identity of those with this type of work and all the encouragement and dissemination of CBDV blind.

Keywords: football five; blind; visually impaired

LISTAS DE SIGLAS

ADVP-PE – Associação de Deficientes Visuais de Petrolina

APACE-PB – Associação Paraibana de Cegos

APADEVI-PB – Associação Paraibana de Deficientes Visuais

CBDV – Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais

CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro

IBSA – Federação Internacional de Esportes para cegos

IPC – Comitê Paralímpico Internacional

FIFA – Federação Internacional de Futebol

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Referencial Teórico	12
3 Aspectos Metodológicos	22
4 Relato de Experiencia	23
4.1 O Começo: O Despertar	23
4.2 A Teoria para o Caminho	24
4.3 O Projeto de Extensão	25
4.4 O Sonho que se torna Realidade	26
5 Considerações finais	30
6 Referencias	33

1 INTRODUÇÃO

Diante do meu envolvimento no projeto de extensão “A prática do futebol 5 (futsal) como medida integralizadora para os portadores de necessidades especiais visuais de Campina Grande” desde 2011, participando ativamente em alguns eventos de futebol de cinco e da carência de referências sobre a prática do futebol para cegos no Brasil, me senti motivado a relatar os conhecimentos e experiências que adquiri nessa área.

Qualquer tipo modalidade de esporte que sejam para pessoas deficientes visuais, quando estas tiverem o objetivo de competir, há necessidade da classificação médica e/ou funcional dos jogadores para não haver vantagens entre os atletas e/ou as equipes. No caso dos deficientes visuais, essa classificação é oftalmológica de acordo com os laudos médicos, segundo a IBSA (Almeida, 2002).

O meu objetivo foi relatar a prática do futebol/futsal por pessoas cegas que visam a competição, discorrendo sobre o órgão responsável pelo desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil, descrevendo o processo de participação dos atletas, a presença em eventos nacionais e organização dos campeonatos no território nacional até os dias de hoje e relatando também a disputa do Regional Nordeste que foi Realizado em nossa Cidade Campina Grande e a Copa do Brasil Série A.

Quanto às informações, tomei por base minhas experiências para a formação e definição deste trabalho, no qual parte das informações se deram através da CBDV, que foi de onde partiu uma parte da definição do tema do trabalho. A utilização deste método teve como intenção relatar minha vivencia no desenvolvimento dessa modalidade esportiva, que é o Futebol de Cegos, Futebol de 5 ou Futsal de Cegos no Brasil.

Durante todo o período de definição do trabalho, além de presença frequente nas atividades do Futebol de 5 no Brasil, tive muitas contatos verbais com atletas de diversas equipes, sendo maioria da Seleção Brasileira, assim como com pessoas ligadas à comissão técnica desta equipe e da CBDV. Sendo através desse contato que obtive um aperfeiçoamento

enorme no que se diz respeito ao conhecimento e domínio sobre o conteúdo Futebol de 5.

A partir de então busquei encaixar as informações obtidas para a definição do presente trabalho, com a prática do futebol para portadores de necessidades especiais visuais na categoria B1 no período de 2011 até 2014.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O futebol no Brasil é uma modalidade esportiva que muito se identifica com a população, sendo considerado, hoje, como parte da cultura brasileira. Apesar de ter chegado ao Brasil como um esporte de elite no final do século XIX, após a década de 20 do século XX é inegável o seu desenvolvimento em todo o território nacional, atingindo direta ou indiretamente todo o povo brasileiro (DAÓLIO, 2003). Atualmente é um tema tão presente no nosso cotidiano, que pode-se observar a sua manifestação constante de diversas formas, seja através de diferentes maneiras de se jogar, ou devido à divulgação através da mídia ou da comercialização de produtos que estão vinculados com esta prática, ou mesmo, o gosto da população do Brasil por praticar um esporte coletivo com bola.

O futsal, como hoje é conhecido o futebol de salão, junto ao futebol, cada vez mais vêm conquistando adeptos, principalmente por se tratar de modalidades de fácil acesso e sua prática ser muito estimulada nas escolas formais. Essa facilidade de praticar o futebol despertou até mesmo as pessoas deficientes visuais. Camargo (1999) afirmava que o futebol é um caso a parte no meio esportivo para pessoas cegas, pois este alega que pelo fato de serem 'homens' brasileiros, já nasceram sabendo "jogar bola". Os deficientes visuais atribuem como habilidades inatas à possibilidade de realização das funções exigidas no futebol de salão.

Sendo assim, visto que grande maioria das crianças do sexo masculino tem o sonho de serem jogadores de futebol, posso pensar que para as crianças cegas sua deficiência seria um empecilho para que esse sonho fosse realizado. No entanto, a vontade de praticar e participar dessa manifestação da cultura esportiva fez com que os deficientes visuais se organizassem e buscassem uma forma efetiva de competições nacionais exclusivos para a modalidade. Sonho que se concretizou, somente, na década de 80, após a criação de um órgão nacional que visa o desenvolvimento dos esportes para deficientes visuais. Este órgão organizou e sistematizou a criação de competições

exclusivas para os portadores de necessidades especiais visuais no âmbito nacional.

A partir da vontade de 'jogar bola' e de ter o reconhecimento/oficialização desta prática, as pessoas com deficiência visual se organizaram e fundaram a organização nacional – CBDV. Esta além de propiciar as competições de futebol, estimula também, a prática desta e de outras modalidades esportivas para deficientes visuais.

No Brasil, não existem estudos científicos que comprovem a data do início da prática desta modalidade por pessoas deficientes visuais. Porém, estima-se que os atletas tiveram contato ainda quando crianças com as implantações nos Institutos especializados no atendimento a crianças portadoras de necessidades especiais visuais, seja em suas cidades ou cidades circunvizinhas - como exemplo, têm aqui, em nossa cidade, o Instituto dos Cegos de Campina Grande, onde foi realizado uma parte do meu projeto de extensão. A partir de então foram formalizando as criações de entidades filiadas à CBDV, como a equipe APADEVI (Associação Paraibana de Deficientes Visuais), existente aqui em nossa cidade, da qual faço parte da comissão técnica e a através dela adquiri um carinho maior pela modalidade e pelas disputas das competições que aqui serão trabalhadas.

Em alguns casos a prática do futebol pelos deficientes visuais nas escolas se dava inicialmente praticando com crianças videntes normais, de maneira lúdica e em uma convivência de brincadeira, bem fora do ambiente formal (CPB, 2004).

No Brasil, existem muitos adeptos do esporte, e sendo assim há uma preparação devida desde as categorias de base até os adultos, desde os jogos paraescolares até a competições de nível adulto. Por isso temos o Brasil como potencia máxima no desporto mundial (CBDV).

Em 1995, foi criado um subcomitê de futebol de salão da IBSA, regulamentando internacionalmente a modalidade, estendendo as regras por todos os países filiados a ela, para a promoção deste esporte (IBSA, 2004).

Em 2004 foi oficializado o primeiro campeonato brasileiro dessa modalidade organizado e ministrado pela CBDV, essa entidade foi, então, a

responsável pela oficialização da prática do futebol por pessoas cegas no Brasil, baseado nas regras do futsal convencional (CBDV).

As adaptações das regras da modalidade acontecem sob responsabilidade da IBSA. São adaptações realizadas a partir das regras do futsal convencional que é dirigida pela FIFA (IBSA, 2004).

O crescente desenvolvimento do esporte em questão foi positivo ao longo do tempo, acarretando a sua inclusão nos Jogos Paraolímpicos de Atenas em 2004. Inclusão esta que foi importantíssima, visto que, as Paraolimpíadas é o ápice do desporto adaptado (CPB, 2005).

O IPC (Comitê Paraolímpico Internacional), juntamente com a IBSA e a FIFA, reestruturaram as regras do futebol para cegos em 2004 para os Jogos de Atenas na Grécia. Essa reestruturação trouxe consigo a alteração da nomenclatura desta modalidade, oficializando a partir desta data o nome de FUTEBOL DE CINCO (IPC, 2004, IBSA, 2004). Acredita-se que essa alteração da terminologia foi para diferenciar essa manifestação de futebol das demais, e também para retirar a palavra - cego e/ou deficiente visual - a presença de estigmas e/ou preconceitos ao citá-lo, como também diferenciar do Futsal, até porque o futsal não é um esporte olímpico.

É nítido que a inclusão na modalidade no IPC é um marco de avanço para todos os deficientes, fazendo com que aumente ainda mais o número de atletas interessados em praticar a modalidade.

O futebol de cinco é um jogo em um campo sintético com as mesmas regras adotadas no Futsal, com adaptações.

O IPC(Comitê Paraolímpico Internacional), diz que esta modalidade tem regras iguais as do futsal convencional. Eles não dividem nas categorias (B1 e B2/B3), simplesmente definem a necessidade e possibilidade de deficientes praticarem o esporte como todo ser humano tem o direito de fazer o que bem entende. Dessa forma, chega-se ao propósito de que devem existir algumas adaptações para o cego jogar futebol, devido a falta do sentido da visão que é um dos sentidos mais aguçados no ser humano.

As regras do jogo foram adaptadas levando em consideração as características das pessoas cegas, reestruturando-as de modo que estas

tivessem condições de jogar sem depender de outras pessoas para avisar onde está a bola.

Inicialmente eram usadas latas, pelas quais eles se guiavam através do som que elas emitiam. Depois pensaram em envolver bolas em arames (o que foi considerado uma das invenções mais perigosas já feitas) eram as chamadas “bolas com guizo externo”. Posteriormente, foram envolvidas bolas normais em sacos plásticos, dessa forma, com o som que os sacos emitiam, o cego teria uma noção básica de onde a bola se encontrava. E após todas estas tentativas foi implantada a “bola com guizo interno” fabricada inicialmente na Bahia por presos de boa conduta e depois transferida para o Paraná, onde estas bolas são utilizadas até nos dias de hoje, o guizo interno faz com que com o som, o cego se guie até o local que a bola se encontra (CBDV).

Segundo (ARAÚJO, 2003), no Brasil, sempre houve iniciativas de popularização dos esportes e modalidades com adaptações necessárias das atividades conforme as necessidades e possibilidades dos locais, mesmo antes de formalizar um projeto que objetivasse e possibilitasse as pessoas à realização de uma atividade física, como um projeto de que a prática de esportes é para todos.

A CBDV descreve detalhadamente algumas das alterações necessárias, como por exemplo, a quadra, o goleiro, a bola e a necessidade de um processo pedagógico adequado para trabalhar a orientação espacial dos atletas.

Tomando por base a quadra tamanho oficial do futsal convencional, que apresenta dimensões de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura (40x20), a grande adaptação foram as implantações das bandas laterais, estas podendo ter entre 1metro a 1,20metro de altura e percorre toda a extensão da linha lateral. A área do goleiro foi reduzida para 5x2 (tem a dimensão do comprimento do gol, que é de 3m, mais um metro para cada lado; com dois metros de largura, tomando como base a linha de fundo, são dois metros a frente do gol). Nas figuras 1, 2,3 e 4 podemos visualizar essas alterações.

FIGURA 1: Bandas laterais em uma partida de futebol de 5 (visão lateral).



Fonte: CBDV

FIGURA 2: Bandas laterais em uma partida de futebol de 5 (visão frontal).



Fonte: CBDV

FIGURA 3: Área do goleiro do jogo de futebol de 5 (visão frontal).



Fonte: CBDV

FIGURA 4: Área do goleiro de futebol de 5 (visão lateral).



Fonte: CBDV

O futebol de cinco é uma modalidade de esporte coletivo composto por dez jogadores em quadra, sendo cinco de cada equipe, como o futsal convencional. Dentre os cinco jogadores em quadra, 4 deles são atletas de linha, ou seja, disputam a bola, e são todos cegos totais. Estes são obrigados a utilizarem a bandagem como será mostrado (figura 5). Durante o jogo os atletas em quadra têm o dever/obrigação de informar quando estão disputando ou se estão se deslocando em direção a bola. São obrigados a falarem palavras curtas, como vou, voy (origem espanhola), eu, ou alguma outra palavra, para evitar choques entre os jogadores em uma situação de disputa de bola (figura 6).

FIGURA 5: Jogadores utilizando as vendas



Fonte: CBDV

FIGURA 6: Disputa de bola



Fonte: CBDV

Além de todos esses elementos, temos o chamador ou guia que é o integrante da comissão técnica que tem a função de orientar as investidas de ataque de sua equipe. O mesmo se encontra atrás da trave adversária (figura 7) em um espaço delimitado de 5 metros de comprimento.

Para facilitar a compreensão a quadra é dividida em 3 espaços que é chamado de “terço” o primeiro orientando a defesa pelo goleiro, o segundo a criação e marcação que é orientada pelo técnico de suas equipes e por fim o terço de ataque, aí sim orientada pelo guia ou chamador.

FIGURA 7: A presença do chamador ou guia atrás da trave



Fonte: CBDV

Esses itens foram as principais adaptações no decorrer dos anos, para que se pudessem chegar ao futebol de 5 praticado atualmente.

Foram necessárias as mudanças, pois, a partir delas a modalidade se tornou marco oficial e indispensável nos jogos Paralímpicos, visto que, sendo

oficializadas, os países passaram a adotar de forma geral um tipo de regra universal.

Acredito que, além de importantes para a prática do esporte, essas adaptações foram altamente necessárias para manter a integridade física dos jogadores. Possivelmente, outras adaptações podem vir a acontecer no decorrer dos anos, conforme a necessidade dos atletas e da modalidade, visando cada vez mais autonomia em quadra, ou melhorarias na qualidade do jogo.

O jogo tem a duração de 2 tempos de 25 minutos, com intervalo de 5 minutos entre os períodos. Cada técnico tem direito a um pedido de tempo morto em cada período do jogo. Vence a equipe que conseguir marcar mais gol. Quando houver a necessidade da cobrança de lateral, pois a bola pode sair por cima da banda lateral, este deve ser cobrado com o pé.

Algumas pessoas tiveram muita importância para que o sonho de competições oficiais no Brasil se tornasse realidade. Podendo-se dizer que sem a união das pessoas deficientes visuais esse sonho não se idealizaria. A criação da CBDV foi um fator primordial para o crescimento da modalidade em questão.

O Brasil, atualmente, é o único campeão paralímpico da modalidade, pois, das 3 competições que existiram o Brasil sagrou-se campeão em todas (Atenas 2004, Pequim 2008, Londres 2012), sendo, atualmente tri campeão mundial. A equipe vem se preparando para o mundial neste ano de 2014 que será realizada no Japão. Podemos dizer que o Brasil é o país a ser batido, conseguimos estabelecer a máxima do futebol e futsal convencional que “O Brasil é o país do Futebol” (CBDV).

Na organização da Copa do Brasil a verba é toda vinda da CBDV, desde alojamento até a realização do evento, nenhuma equipe pode reclamar do que foi proporcionado, pois a CBDV em nenhum momento deixou a desejar.

(ALMEIDA, 2002) diz que só as intenções de práticas de atividades para os deficientes visuais visando competições mostram a igualdade de todos, pelo fato de clinicamente estarem exercendo a função de forma liberal e homogênea.

Esta modalidade esportiva que vem crescendo consideravelmente ao passar dos anos, deixa muitas expectativas aos atletas e a todos que acompanham, além daqueles que vêem a possibilidade de um dia compor a seleção brasileira, e aos que simplesmente torcem e trabalham de outras maneiras para que esta modalidade se desenvolva cada vez mais no Brasil e no Mundo.

Além da divulgação da modalidade futebol para cegos, os deficientes esperam o reconhecimento como um atleta que pratica uma modalidade esportiva que faz parte da manifestação da cultura nacional. Sem dúvida nenhuma, a divulgação desta modalidade é considerável após as conquistas diárias frequentes e lutas pelo desporto, fato benéfico para todo o desporto adaptado.

A inclusão desta modalidade nos Jogos Paralímpicos é um grande marco na história, e acredito que pode ser um estímulo para que novas pessoas busquem essa prática esportiva, possibilitando desta forma a renovação dos atletas com qualidade (CBDV). Acontecimento este que a CBDV tem tentado trabalhar com eventos paraescolares, como forma de incentivar as práticas esportivas por crianças e adolescentes. Como em nosso estado temos os Jogos Paraescolares da Paraíba.

É interessante divulgar que muitos dos atletas não imaginavam participar dos Jogos Paralímpicos, tinham a idéia de que demoraria muito para se concretizar a participação da modalidade esportiva futebol para cegos em uma Paralimpíadas. E mais ainda representar o nosso país.

(ALMEIDA, 2002) Acredita que profissionais capacitados tenham interesse em trabalhar com esta modalidade e que novas pessoas cegas se interessem também, melhorando a qualidade técnica dos atletas e do jogo. Os profissionais terão a função de trabalhar para capacitar jovens cegos e estimula-los cada vez mais para a prática do paradesporto, além da busca constante de capacitação e aperfeiçoamento nas modalidades. Interessante que novas pessoas se interessem em ingressar na área de Educação Física Adaptada.

A CBDV pontua alguns pontos que são necessários para a modalidade, e perspectivas de melhorias:

- Crescimento quantitativo e qualitativo de atletas de futebol;
- Mais campeonatos;
- Reconhecimento;
- Mídia;
- Cursos e treinamentos para profissionais que trabalham com a modalidade;
- Investimento Setor público e privado;
- Trazer pessoas para atuar em qualquer âmbito do desporto para cegos;
- Melhorias para o movimento de cegos no Brasil;
- Desenvolvimento do futebol no mundo;
- Maiores aberturas para o futebol de salão adaptado;
- Interesse de pessoas com visão normal – goleiros;
- Benefícios aos deficientes em geral – melhores condições de cidadania.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de um relato de experiência com abordagem de cunho descritivo sobre a vivência de um acadêmico de Educação Física no Projeto “A prática do Futebol de 5 (futsal) como medida integralizadora para os portadores de necessidades especiais visuais de Campina Grande.”

Por se tratar de um relato de experiência, os dados aqui obtidos foram identificados através da observação direta realizada pelo próprio acadêmico.

A experiência vivenciada no projeto teve início no ano de 2011 e se estende até junho do ano vigente. Os critérios para ingressar no projeto eram: ser acadêmico de Educação Física comprovado por Registro de Matrícula-RDM atualizada e ficha de inscrição devidamente preenchida.

As atividades foram desenvolvidas no Instituto dos Cegos de Campina Grande, tendo como público alvo, portadores de necessidades especiais visuais, sendo as mesmas realizadas durante as terças e quinta, no horário das 14:00 às 16:30h, nas sextas de 20:00 às 22:00h e sábados das 7:30 às 9:00h.

4 RELATO DE EXPERIENCIA

4.1 O COMEÇO: O DESPERTAR

Minha vontade em trabalhar com o esporte adaptado deu-se inicialmente quando eu tinha 12 anos, através do meu técnico de futsal Fábio Luiz² que, naquele tempo, era o goleiro da Seleção Brasileira de Futebol de 5, e, atualmente é o técnico da Seleção. Por ter se sagrado campeão Paralímpico em Atenas, na Grécia, fiquei altamente empolgado em ser orientado pelo goleiro da seleção brasileira, que para mim era algo extraordinário, uma inovação do esporte.

Com o passar do tempo fui ficando mais interligado com o esporte, acompanhando via internet os acontecimentos e disputas, até que tive a oportunidade de presenciar um Regional Nordeste em 2007 em minha cidade de Campina Grande, o qual foi realizado no Instituto dos Cegos. Pude acompanhar de perto o quanto era fascinante o paradesporto, presenciar os atletas da seleção nacional, deficientes superando as adversidades com o esporte.

Em 2008 mais uma vez acompanhei via internet e televisão os Jogos Paralímpicos realizado em Pequim, na China. Não sendo diferente das outras oportunidades, estava estonteante de felicidade, torcendo e vibrando a cada lance que o Brasil realizava. O Brasil mais uma vez sagrou-se campeão, e novamente Fábio² se destacou, para mim era uma felicidade imensa ter meu técnico fazendo parte de um esporte tão incrível.

Em 2011 tive o prazer e a oportunidade de ser convidado por Fábio para assistir a Copa do Brasil Série A de Futebol de 5, realizada em João Pessoa. Esse foi o ápice para a minha decisão que estabeleceria um trabalho futuro nesta área, pois presenciei todos os melhores atletas do país. Os melhores jogadores do mundo estavam jogando e eu estava presenciando o momento pessoalmente.

Comecei a pensar como eles tinham condições de realizar todas aquelas mágicas com a bola, mesmo sendo cegos. Eram portadores de necessidades

² Técnico da Seleção Brasileira de Futebol de 5, Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual da Paraíba.

especiais visuais e superavam as dificuldades, em busca da felicidade e fazendo o que gostam.

Após esse contato próximo com o esporte, com as disputas, com a realidade da modalidade, decidi que essa será minha área de trabalho, quero objetivar e ajudar a difundir essa prática, que principalmente em nossa cidade é tão pouco trabalhada.

4.2 A TEORIA PARA O CAMINHO

Unido a esta minha decisão e vontade, conheci minha Professora que posteriormente seria minha Orientadora Anny Sionara³, que ministra a disciplina de Educação Física Adaptada. De início já fiquei animado e entusiasmado com a possibilidade de estreitar minha relação com as atividades adaptadas. Quando foi nos apresentado o plano de curso que avistei na II Unidade o estudo sobre a deficiência visual, esta para mim seria a oportunidade de iniciar meu propósito de me organizar e trabalhar nesta área.

A disciplina de Educação Física Adaptada era algo de grande importância para mim, que eu me entregava muito às atividades realizadas. Até que, ao decorrer do estudo da disciplina, chegou meu objetivo maior que foi a deficiência visual. Fizemos na época uma visita ao Instituto dos Cegos de Campina Grande, onde conhecemos todo o espaço físico do prédio e as atividades realizadas, como por exemplo: judô, natação, atletismo e Futebol de 5.

A felicidade de realização era imensa, mas eu não queria parar por ali, pois meu objetivo era crescer na modalidade e divulgá-la em nossa cidade. Até que minha turma teve a honra de participar de uma palestra de alguns integrantes que fazem parte da Federação Paraibana de Paradesporto, na qual o pessoal realizou algumas atividades e estavam em busca de estagiários para integrar algumas modalidades. Essa era a oportunidade que eu esperava para iniciar minha trajetória. Neste dia teve uma atividade de Futebol de 5 e por eu já estudar a área, sobressaí aos outros da turma na prática da atividade.

Não deu outra, fui convidado. A professora Anny também gostou do meu desempenho e se prontificou a me ajudar quando precisasse. Fiquei de

³ Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba

entrar em contato com o pessoal um tempo depois, contatei no período que havia sido estabelecido, no entanto, o Projeto não vingou, infelizmente. Fiquei meio desestimulado, até porque havia criado uma grande expectativa, mas não desisti. Continuei estudando e me aprofundando na área, sabendo que qualquer oportunidade que tivesse eu iria aproveitar da melhor forma possível.

4.3 O PROJETO DE EXTENSÃO

No início do ano de 2011 fiquei sabendo que o Professor Álvaro Luís estaria abrindo seleção de Bolsa para integrar o Projeto de Extensão “A prática do Futebol 5(Futsal) como medida integralizadora para os portadores de necessidades especiais visuais de Campina Grande”. De prontidão fui a procura para me integrar nesta área. Finalmente deu certo. Eu iria começar uma trajetória na área que eu objetivava trabalhar.

Inicialmente, comecei a trabalhar com as categorias de base da equipe do Instituto dos Cegos de Campina Grande, objetivando que as crianças começassem a ter a prática desportiva e que percebessem que era possível serem jogadores de futebol de cegos. Que era possível superar a dificuldade de não terem o sentido da visão.

O trabalho que se iniciou de forma lúdica, de forma atrativa, logo foi colhendo seus frutos. Iniciei com apenas 3 alunos, rapidamente a turma cresceu, pois existia comentários entre eles, de que a atividade estava sendo atrativa. A turma passou a ter 8 alunos.

Diante disso, até eu mesmo fiquei mais animado, busquei estudar e me aprofundar ainda mais na modalidade. Prontamente entrei em contato com a Professora Anny que sempre me apoiou e a felicidade dela era imensa, pois ela notava que também era fruto de um trabalho realizado por ela em suas aulas.

De tanto estudar percebi que se uma pessoa tem a falta de um sentido em seu corpo, poderíamos estimular os outros sentidos. Assim, busquei aumentar principalmente o sentido auditivo que é primordial no futebol para cegos. Porém não iniciei como uma forma de treinamento e sim como uma

forma de diversão, formas de brincadeiras que sem eles se darem conta, estavam aperfeiçoando o sentido auditivo.

Após trabalhar tanto com a prática lúdica, notei que os garotos tinham melhorado este sentido. Então observei a necessidade de começar a trabalhar a relação tempo/espaço. Até porque eles tinham noção do futebol de 5, mas não praticavam em forma de coletivo, apenas com fundamentos básicos. Diante disso, planejei começar a dar fundamentos práticos com situações do jogo e dia-a-dia, onde os atletas iriam ter que se concentrarem para identificar em que setor eles estariam, para onde deveriam seguir e com que velocidade deveria atingir o local proposto. Realizando essas atividades eles melhorariam suas atividades diárias pessoais e sociais, como também teria uma melhora considerável na modalidade que estávamos trabalhando.

Meu objetivo maior com os garotos não seria formação de atletas, mas sim a formação de cidadãos que não tinham medo de enfrentar a vida apenas por uma deficiência, até porque eles são normais igualitariamente. Seria, assim, a integração deles com a sociedade. Até porque minha busca era fazer com que o Futebol de 5 fosse além de um diversão e passasse a ser trabalhado com melhoria de condições pessoais na vida de cada atleta.

Os frutos começaram a vir no ano de 2013, onde nossa equipe se sagrou campeã dos Jogos Paraescolares da Paraíba, conquistando a vaga e oportunidade de disputar as Olimpíadas Paraescolares Brasileiras.

4.4 O SONHO QUE SE TORNA REALIDADE

No ano de 2013 fui convidado para integrar a comissão técnica da APADEVI – Associação Paraibana de Deficientes Visuais. Sem hesitar aceitei, pois ali era a realização de um sonho: estar trabalhando e convivendo com os melhores no assunto.

Assim, após uma série de treinamentos a equipe disputou o Regional Nordeste em 2013, porém não conseguiu alcançar bons resultados. Foi eliminada na primeira fase da competição, acumulando duas vitórias e duas derrotas.

Entretanto, não estacionamos nesses resultados. Pelo contrário, passamos a organizar e planejar uma preparação objetivando a Copa do Brasil Serie A de Futebol de 5 realizada em Salvador, Bahia.

A equipe se reforçou bastante, pois contratou 3 atletas da Seleção Argentina de Futebol de 5. Então, para mim, particularmente, era uma oportunidade inigualável, conviver com atletas de seleção e conversar mais sobre a modalidade de seu país e colocar em comparação com o nosso.

Busquei entender como o Futebol de 5 interferia na vida deles e os ajudava a superar a falta do sentido da visão. Diante dessas conversas, se torna nítida a satisfação de todos os atletas, eles se divertem e trabalham com o desporto ao mesmo tempo.

Finalizando nossa preparação fomos para o Brasileiro da modalidade. Como conseqüências, fiz grandes amigos nessa viagem e melhor ainda, consegui avistar uma globalização de super atletas. Jogadores de Seleção Brasileira, Seleção Argentina, Seleção Colombiana, Seleção Paraguaia e até Seleção Francesa. Tendo esta oportunidade, busquei o maior numero de contato possível, estava sempre em conversação com os craques.

Tenho amizade próxima com o craque da Seleção Brasileira e mundial, o atleta Ricardinho, que por sinal me ajudou bastante na elaboração do meu trabalho, um cara que me apoiou bastante e que vê a dificuldade como um estímulo de lutar mais ainda por sua felicidade.

Infelizmente nossa equipe não se classificou no Brasileiro, porém disputamos a repescagem e conseguimos permanecer na Série A, que era um dos nossos objetivos.

Para mim, foi incrível, excluindo a não classificação. As demais atividades foram de suma importância, no hotel, na piscina e no ginásio. Ver os atletas rivais se confraternizando, brincando, se divertindo e trabalhando. Ver que o esporte faz com que a pessoa mude concepções de vida e poder afirmar que realmente o Futebol de 5 é uma medida integralizadora para os portadores de necessidade especiais visuais.

Após essa disputa, finalizamos o ano de 2013 e foi uma satisfação pessoal para mim. Um objetivo estava sendo colocado em prática, juntamente com o paradesporto brasileiro.

Chegamos ao ano de 2014 e com ele a reunião do início do ano, a turbulência de mudança de comissão técnica na APADEVI e também do pessoal do Instituto dos Cegos, me pedindo para ficar apenas com a APADEVI, pois o pessoal tinha gostado do meu trabalho e era algo imprescindível para os objetivos da equipe. A mudança de comissão técnica veio, porém por eu ter desempenhado anteriormente um trabalho satisfatório. Dessa forma, permaneci na equipe e por destino quem assumiu a comissão foi um dos meus mestres, uma pessoa que me ajudou sempre. O Professor Márcio André⁴.

Então, a realização do trabalho iniciaria de uma forma diferente dos outros anos. Eu seria, teoricamente, o mais experiente na modalidade e procurei passar isso ao meu companheiro de trabalho.

Iniciamos o planejamento de 2014 com o objetivo de aperfeiçoar a equipe no Regional Nordeste, visando a disputa da Copa do Brasil Série A. Porém, não queríamos fazer feio no regional, sendo assim, fizemos uma preparação digna de grandes equipes, unindo experiência com juventude.

Mas não posso deixar passar que minha Professora e Orientadora, Anny, me pediu algumas vezes para comentar e dar palestras sobre o Futebol de 5 na UEPB, pois eu estaria expandindo o que ela me ensinou e o que eu aprendi com a prática e vivência durante o tempo.

Dessa forma, eu conseguia um dos meus objetivos na modalidade, que era como citei anteriormente, a divulgação da modalidade e o interesse de mais profissionais capacitados da área de Educação Física. Sempre existia um bate papo informal, e interesse de algumas pessoas. Era nítida a comoção da professora, pois ali era um fruto do seu trabalho e esse fruto, que seria eu, queria brotar mais sementes e colher mais frutos para que essa linha de pensamento fosse, a cada dia mais, progressiva.

No mês de Abril deste corrente ano, tivemos a realização do Regional Nordeste de Futebol de 5, em nossa cidade, Campina Grande, e especificamente no Ginásio de Esportes da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB. Logo que soube onde seria as disputas avisei a Anny³, para que fosse divulgada em toda Universidade, pois era uma oportunidade especial de presenciar os craques do paradesporto.

⁴ Técnico da Equipe da APADEVI, Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba.

Com essa divulgação, esse Regional foi dito por toda comissão da CBDV, como o de maior presença de público de 2014, e melhor e mais importante foi o interesse e a alegria dos telespectadores em presenciar as disputas da modalidade e a simpatia dos atletas. Conversei com a Professora e vi o quanto ela estava emocionada, por ver aquele número de pessoas assistindo e buscando aprender sobre a modalidade que, para muitos, até então era desconhecida. A torcida, entusiasmada, vibrou a cada gol.

Nossa equipe da APADEVI conseguiu um ótimo resultado na primeira fase com 4 vitórias e apenas 1 derrota para o atual bi campeão mundial e que conta com o melhor jogador do mundo o Jefinho. Na semi-final, fizemos uma partida digna do nível técnico altíssimo da modalidade no nosso país. Empatamos contra a ADVP de Pernambuco e perdemos nos pênaltis, mas foi, realmente, uma partida memorável. Na disputa pelo terceiro lugar, perdemos para a APACE nos pênaltis após empatarmos o jogo por 0x0.

O importante foi resgatar a auto-estima dos atletas, a vontade de buscar resultados e muito mais, provar que são capazes de realizar todas e quaisquer atividades que forem propostas.

Diante do exposto, afirmo que, indiscutivelmente, o tema do meu trabalho, o Futebol de 5, é a mais importante forma de integração para os portadores de necessidades especiais visuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha vivencia no futebol para cegos no Brasil, deu pra observar que houve desenvolvimento significativo após a fundação da CBDV. Desenvolvimento este que resultou na realização da Copa Brasil de futebol para cegos e os Regionais de futebol de cegos. Durante minhas experiencias percebi o crescimento considerável de entidades em busca de filiação, conseqüentemente o aumento do número de atletas cegos praticantes do futebol.

Esta experiência alterou diversos conceitos pessoais meus sobre uma forma de viver a vida, trabalhar com um grupo de portadores de necessidades especiais, me fez analisar o quanto o dom da vida é mágico e que todos podemos superar toda e qualquer adversidade, o que para as pessoas ditas “normais” é complicado e tudo tem problema, os cegos levam tudo da melhor forma possível e jamais deixam que a falta de um sentido os impeça de realizar qualquer tipo de atividade.

A satisfação pessoal é enorme ao saber que eu estou sendo uma ponte para a alegria de vários jovens deficientes que vivem a vida pelo lado alegre e que com a alegria nos contagiam enormemente a cada palavra, a cada disputa, a cada agradecimento, a cada conquista. A maior alegria que tenho é observar todos os cegos felizes e sem deixar transparecer em nenhum momento que os mesmos tem a falta de algum sentido no corpo humano.

Academicamente e profissionalmente falando, as experiências e vivencias com o futebol de 5 me proporcionou crescimentos equivalentes, pois é um sonho que está sendo realizado, notar que atualmente eu sou um espelho para alguns alunos na Universidade que desconheciam a modalidade e hoje, estão interessados em ingressar no esporte. Observar a felicidade da professora Anny em ver sua disciplina de Educação Física Adaptada sendo levada mais a sério, tendo interesse de grandes turmas e mais ainda eu ter a

oportunidade de juntamente com a professora, passar um pouco da experiência que tenho aos novos que chegam.

O importante é que tenham crianças e adolescentes cegos participando e jogando o futebol, impressionando todas as pessoas que veem, por suas qualidades de habilidades motoras no domínio e controle de bola. Estou certo de que haverá condições para trabalhar esta modalidade em diversas regiões do Brasil. Com profissionais capacitados e crianças e adolescentes que amam a modalidade e buscam um sonho.

Podemos proporcionar através do esporte experiências gratificantes, que auxiliam no desenvolvimento motor e educacional, em busca do crescimento pessoal num ambiente de respeito e aceitação. E nem todas as crianças serão, um dia, um atleta de alto nível, elas podem buscar o esporte como forma de satisfação pessoal somente.

É inegável o desenvolvimento do futebol no Brasil, visto a necessidade de se criar dois campeonatos brasileiros, para suprir a demanda (Série A e Série B). Houve, inclusive, o acréscimo dos Torneios Regionais buscando dar oportunidade a todas as entidades do país, e que essas entidades participem dos regionais buscando vagas para disputar a Copa do Brasil.

É importante disponibilizar a modalidade para o maior número de pessoas cegas possível de diferentes idades, porque da quantidade pode-se reunir alguns praticantes de futebol com muita qualidade. Mas não pode-se deixar de lado os processos educacionais do esporte, e o seu poder de auxiliar na formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Posso dizer que este trabalho é fruto de relações entre a UEPB(atraves de disciplinas presentes nos cursos) com o Instituto dos Cegos de Campina Grande, APADEVI-PB e com a CBDV. Relações estas que proporcionou e proporciona a divulgação do conhecimento específico e necessário para desenvolvimentos de trabalhos voltados as pessoas deficientes visuais.

Busquei desenvolver um tema presente no poder de inclusão e a sua manifestação nos conjuntos esportivos. E o futebol é uma das práticas esportivas para cegos, que mais cresce no país devido à identidade da população cega com a modalidade. Creio que a modalidade tem muito a

crescer, mais um crescimento gradativo que a cada ano possa se expandir mais e aumentar mais ainda sua dimensão no Brasil e no mundo.

Deixo como sugestão o crescimento de estudos das diversidades e aperfeiçoamento do jogo, entendimento da nomenclatura do jogo que atualmente é denominada futebol de 5 para portadores de necessidades especiais visuais, entre outros assuntos relacionados ao futebol praticado por deficientes visuais, como também as modalidades que integram a Educação Física Adaptadas, pois sou um defensor do crescimento desta área no Curso de Educação Física.

Espero que este trabalho seja um ponto de referencia inicial para o crescimento e desenvolvimento acadêmico para esta área. Pois este tema carece de muito estudo para a melhoria da atuação profissional, quanto a posição de educador físico, possibilitando assim a maior divulgação e expansão dessa modalidade no Brasil e no Mundo.

6 REFERENCIAS

ALMEIDA, J.J.G. Metodologia Aplicada ao Deficiente Visual. Caderno de texto do Curso de Capacitação de Professores Multiplicadores em Educação Física Adaptada. Secretaria de Educação Especial, Brasília: MEC/SEESP. 2002. 161 p.

ARAÚJO, P. F. O desporto adaptado no Brasil: onde tudo começou. IN: Desafiando as diferenças. São Paulo: SESC, 2003. 82-93p.

CAMARGO, W. X. O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação. Dissertação de mestrado. Campinas: FEF/UNICAMP, 1999.

CBDV, Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais– Boletins e Relatórios Oficiais. Rio de Janeiro: CBDV: 1984 a 2014.

_____. Historia: futebol. IN: www.cbdv.org.br Acessado em 08/07/2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. Regras Oficiais: Futebol de salão. Rio de Janeiro: Palestra Edições Desportivas, 1989.

_____. História. In: www.cbfs.com.br Acessado em 07/07/2014.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro – Boletins e Relatórios Oficiais. Rio de Janeiro: CPB: 2005

_____. História. In: www.cpb.org.br Acessado em 09/07/2014

DAÓLIO, J. Cultura: educação física e futebol. 2a. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

IPC, Comitê Paralímpico Internacional: Paralímpiadas: Futebol; in: www.paralympic.org acessado em 08/07/2004.

IBSA, Federação Internacional de Esporte para Cegos: Fútbol sala; in: www.ibsa.es acessado em 07/07/2014.